

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO PEDAGOGIA

Ana Maria Felix Peres

A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO

SÃO GONÇALO

2010

Ana Maria Felix Peres

A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Graduada em Pedagogia

Orientadora: Professora Mestre Vera Pereira Muniz

SÃO GONÇALO

2010

Ana Maria Felix Peres

A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores
da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos
para obtenção do título de Graduada em Pedagogia

Aprovada em: _____

Banca Examinadora:

Prof^ª Mestre Vera Pereira Muniz (Orientadora)

Prof^ª Mestre Mariza de Paula Assis

SÃO GONÇALO

2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

P415 Peres, Ana Maria Felix
A gravidez na adolescência e os efeitos na escolarização / Ana Maria Felix
Peres. – 2010.
43 f.

Orientadora : Vera Pereira Muniz.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Gravidez na adolescência . 2. Adolescentes – Aspectos sociais. I.
Muniz, Vera Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade
de Formação de Professores, Departamento de Educação.

CDU 618.2-053.6

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me apoiaram neste percurso tão difícil. Foram tantas as adversidades que até pensei em desistir, mas com muito amor e carinho dos meus familiares e amigos, sobre tudo do marido Marcos César Rodrigues Peres e do filho Marcos Paulo Felix Peres, consegui realizar esta pesquisa. Obrigada pelos conselhos e o apoio incondicional que foram um estímulo nos momentos árduos.

AGRADECIMENTO

A Deus por permitir a realização desta pesquisa, me dando confiança e determinação.

Aos professores desta Unidade Acadêmica, sobretudo ao casal Prof^a Sônia Câmara Rangel e Prof^o Jorge Rangel (Fidel), em que cada um a sua maneira colaborou na realização desta pesquisa.

Agradeço aos meus colegas do curso de pedagogia da Faculdade de Formação de Professores, especialmente: Eliza Antônia Martins, Flávia Cantuária, Maria Emília Martins e a comadre Kátia Cristina P. dos Santos, que me ajudaram na realização desta monografia.

Agradeço a minha família, em especial meus pais Lourival Corrêa Felix e Jacira dos Santos Felix, por terem paciência e compreensão comigo, pois tive momentos em que só falava sobre este trabalho e eles gentilmente ouvindo minhas lamúrias incentivaram-me continuar a luta pela sua conclusão.

Agradeço a profissional da educação Prof^a Marisa d'Alverga pelo apoio e oportunidade ao estágio de pedagogia no C. E. Rosa Luxemburgo e a confiança em mim e no meu desempenho profissional.

Agradeço aos Serviços de Orientação Educacional e Orientação Pedagógica, na pessoa da Orientadora Educacional Prof^a Simone Ramos do C. E. Carmela Dutra por contribuírem com a pesquisa.

Agradeço à minha orientadora Vera Pereira Muniz pelo apoio e a dedicação.

Sem esquecer de agradecer a minha padroeira Nossa Senhora de Sant'Ana e a Padroeira do Brasil Nossa Senhora Aparecida em que nas horas de aflição ouvindo minhas preces, iluminaram os meus pensamentos e guiaram os meus caminhos, ajudando-me a conquistar mais uma vitória na vida.

Obrigada!!!

EPÍGRAFE

“Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àqueles que se acham em formação para exercê-la. [...]Educadores e educandos não podemos, na verdade, escapar à rigorosidade ética. Mas, é preciso deixar claro que a ética de que falo não é a ética menor, restrita, do mercado, que se curva obediente aos interesses do lucro. [...]Falo, pelo contrário, da ética universal do ser humano. [...]A ética de que falo é a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da *pureza* em *puritanismo*. A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar. E a melhor maneira de por ela lutar é vivê-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles.”

(Paulo Freire, 1996)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo pesquisar o crescente número de gravidez na adolescência e os efeitos que causam para a educação formal da jovem. Ao estarem em estado de maternidade as futuras mães preocupam-se com a sua saúde e a saúde de seu bebê, podendo postergar o estudo em detrimento da sua condição física e psíquica. Ficando a preocupação se esta retomará ou não a sua formação educacional preparando-as para a possível inserção no mercado profissional, investigar a sua perspectiva em função desta gravidez e sua propensão à conclusão da referida formação. A pesquisa foi realizada em março de 2009, no Colégio Estadual Carmela Dutra de Formação Normal, no município do Rio de Janeiro, sendo entrevistadas seis jovens grávidas, objetivando desvelar também suas situações sócio-cultural-econômica e de que forma estes fatores contribuem nas suas decisões. Culminando com a representação subjetiva de cada uma das entrevistadas em formato de cartazes, como belíssimas provas de amor e carinho a família (estando os mesmos postados em anexo).

Palavras-chave: Gravidez, adolescência, educação formal, maternidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ADOLESCÊNCIA.....	4
CAPÍTULO II – SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA.....	9
• EDUCAÇÃO SEXUAL	12
• A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	14
CAPÍTULO III – A PESQUISA.....	16
• HISTÓRIA DA ESCOLA	16
• ANÁLISE DA PESQUISA	22
CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
• ANEXOS	30
BIBLIOGRAFIA.....	36

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de conclusão de Curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores tendo por finalidade investigar o tema da gravidez na adolescência e os efeitos na escolarização. Visto ser este um período da vida da jovem na qual dispensa cuidados especiais à sua saúde e de seu filho.

Inicialmente precaução e repouso à gestante por ser este um momento de constante mudança física e emocional à futura mamãe, necessitando de hábitos salutarres a fim de garantir uma gestação sadia e um parto tranqüilo e bem sucedido. Seguida com a preocupação da jovem com a criação do bebê em detrimento à sua educação formal, postergando sua conclusão em função da educação de seu filho.

Embasada em pesquisa de campo com adolescentes de um colégio de formação de professores no Município do Rio de Janeiro, desejo ampliar a discussão sobre porque uma gravidez na adolescência possa intervir ou retardar a formação educacional e profissional das jovens.

O motivo pelo qual interessei-me por este tema, está intimamente relacionado a minha história de vida, já que após terminar o ensino médio, aos 18 anos casei-me e aos 19 já era mãe. Somente aos 40 anos retornando aos estudos e a possibilidade da minha formação acadêmica e a realização de um desejo que sempre esteve comigo. A inserção no meio profissional ligado à área educacional com a função de educadora e propagadora das perspectivas existentes após o nascimento de um filho, as suas responsabilidades e as escolhas existentes na vida. Ainda testemunhar que, apesar de muito difícil o regresso ao estudo e a formação na profissão desejada, vale a pena perseverar. Tornando-se gratificante enquanto seres que somos determos a necessidade da aquisição de novos conhecimentos e a mediação deste com os demais.

Conforme a Revista Nova Escola, datada de maio de 2008, que concede dados estatísticos referenciados de fontes do IBGE, UNESCO, Ministério da Saúde e Hospital Universitário da UnB, aguça este estudo, por conta do número de bebês que nascem de mães adolescentes e subseqüentemente as jovens que largam a escola devido a gravidez e a relação percentual das que retornam aos estudos após o parto:

- ✓ 20% dos bebês nascidos em 2006 são filhos de mães adolescentes;
- ✓ 25% das jovens de 15 a 17 anos que largam a escola o fazem por causa da gravidez;

- ✓ 72 meninas com menos de 14 anos dão à luz diariamente no país;
- ✓ 5% das mortes de garotas entre 10 e 19 anos são provocadas por problemas relacionados à gestação;
- ✓ 63% das alunas gestantes param de estudar. Só 40% voltam à escola depois do parto.

Sendo estas informações pertinentes, levando a justificar a pesquisa em questão devido ao alarmante número de casos e identificar o possível fracasso escolar em virtude da jovem interromper momentaneamente ou definitivamente a sua formação educacional formal, mediante a não conciliação de horários escolares com consultas médicas e ainda o evidente desconforto frente ao seu estado físico e psicológico. Pela necessidade de constituir a família para a criação do filho e a inserção no mercado de trabalho para suprir as dificuldades financeiras.

Dados do Instituto Mapear¹ revelam que, entre os alunos que têm filho, 76% já interromperam os estudos, contra apenas 12% dos que são pais, conta o antropólogo Cláudio Gama, diretor do Instituto Mapear:

“Isso leva a crer que a gravidez é um dos principais fatores de abandono escolar. É provável que haja essa incidência pela necessidade de trabalhar para conseguir recursos. Na pesquisa qualitativa, a gravidez aparece claramente como um dos motivos para interromper os estudos. Em todos os casos, havia a percepção de que é importante voltar à escola. Uma das meninas entrevistadas disse que, se pudesse voltar atrás, não teria filho e levaria o estudo mais a sério” (Revista Megazine – O Globo, 22/11/2009).

Mesmo com significativo número de gestantes nas instituições educacionais, muitas perpetuam o desejo de voltar a estudar após o nascimento dos filhos, para que lhes possa proporcionar um futuro digno e promissor, garantindo sua criação e educação. Mesmo que precisem desempenhar dupla jornada de atividades: cuidar do bebê / casa e estudar. Dando então a devida importância à família e parentes nesta contribuição e solidariedade para a conclusão destes ideais. Apoio material e psicológico fomentam

¹ Instituto Mapear de Pesquisa – Perfil e tendência; Política e opinião; Mercado e antropologia do consumo.

consideravelmente esta opção e desejo de regressar ao ensino e conclusão do Ensino Médio e Graduação.

CAPÍTULO I – ADOLESCÊNCIA:

Em pesquisa ao Dicionário Escolar da Língua Portuguesa o significado da palavra “adolescência”, é apresentado como: “o período da vida do homem entre a puberdade e a virilidade dos quatorze aos vinte e cinco anos”.

No entanto, Luís Carlos Osório definiu adolescência:

[“Como sendo considerado o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição da imagem corporal definida como também a estruturação final da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar”]. [“... Portanto, determinar seu início é tarefa singularmente complexa e que não pode apoiar-se apenas em certa constância dos elementos psicológicos, todos eles, contudo, apontando na direção de um objetivo axial, que é o estabelecimento da identidade pessoal”]. [“... Sendo o término da adolescência, a exemplo de seu início, bem mais difícil de determinar e novamente obedece a uma série de fatores de natureza sócio-cultural”]. (Osório, 1989, p. 10,11)

A Organização Mundial da Saúde define “*adolescente como o indivíduo que se encontra entre os dez e vinte anos de idade*”. No Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece ainda outra faixa etária dos doze aos dezoito anos.

Adolescência é o período do desenvolvimento humano que marca a transição entre a infância e a idade adulta. Portanto esta fase distingue-se por alterações em diversos níveis: físico, mental e social, representando para o jovem um processo de convergência no comportamento e prerrogativas típicos da infância e de aquisição de distinções e aptidões que o capacita a assumir os deveres e direitos sociais do homem.

Apresentam-se os termos “Adolescência” – (do lat. *adolescere* – crescer) e “Puberdade” – (do lat. *pubertate* – sinal de pêlos, barba, penugem) como sinônimos por ocasiões variadas, no entanto estes significados sobrepõem-se em duas fases significativas da vida. É importante destacar que “puberdade” é a primeira fase ou momento da “adolescência”, pois é o termo utilizado para as transformações biológicas que a antecede. Já adolescência está sendo utilizada em um contexto científico com relação ao processo de transformação psicossociais que as acompanham.

Adolescência como uma construção histórico-social: “*Para ambos os sexos, o processo de crescer, independentizar-se, assumir novos papéis, tornar-se homem ou*

tornar-se mulher, também será mais ou menos facilitado de acordo com a carga dos estereótipos sexistas presentes no ambiente familiar” (Duarte, 1996, p. 17). Apresentando acentuado indício de uma distinção cultural, adolescência e juventude estão fortemente relacionadas à modificação do entendimento do desenvolvimento humano e também à transformação da forma como cada geração adulta se define a si própria.

Adolescência e juventude na ciência: como objeto de estudo das mais diferentes disciplinas – sociologia, psicologia, pedagogia, medicina, biologia, direito, política - as fases da “adolescência” e da “juventude” oferecem uma variedade de significados. Como exemplo, citar "juventude como fase do desenvolvimento individual", "juventude como ideal e mito" e "juventude como grupo social"

Adolescência na psicologia do desenvolvimento: a partir do ponto de vista da psicologia do desenvolvimento o início da adolescência é apontado concomitantemente ao amadurecimento sexual (puberdade), e o seu fim não se define apenas pelo desenvolvimento corporal, mas, sobretudo pela maturidade social – tomar para si o papel social de adulto. A adolescência não é, no entanto, uma fase homogênea: a adolescência é apresentada como uma fase dinâmica, que demanda uma diferenciação para melhor compreensão do seu estudo: Steinberg (1993) propõe uma divisão em três fases: (1) Adolescência inicial, dos 11 aos 14 anos; (2) adolescência média, dos 15 aos 17 anos e (3) adolescência final, dos 18 aos 21.

Desenvolvimento Cognitivo: Sendo características marcantes da adolescência, o desenvolvimento cognitivo se dá em concomitância ao desenvolvimento corporal, evidenciando: o aumento das operações mentais; da melhoria da qualidade no processamento de informações; e da modificação dos processos que geram a consciência.

Assim o adolescente adquire uma base cognitiva possibilitando lidar com os desafios vindouros do meio em que vive e ainda as mudanças físicas e psicológicas as quais virá a ser submetido: Pensando possibilidades – hipóteses, novas ações; Pensamento abstrato – desenvolvimento de estruturas sociais, política, científicas econômicas e morais; Metacognição – autoreflexão e avaliação dos pensamentos; Pensamento multidimensional –

argumentar a partir de diferentes pontos de vista; Relativização do pensamento – compreender outros pontos de vista e sistemas de valores.

Desenvolvimento Corporal e Psicosssexual:

Crescimento físico: Este crescimento se dá ao longo dos 16 aos 19 anos de maneira alternada: o “salto no crescimento”, ou seja, eles crescem em um ano mais do que nos anos anteriores e nos seguintes – em média as moças dos 13-15 anos e os rapazes o tem aos 14-15 anos de idade. Diminuindo a velocidade de crescimento após esta época até os jovens adquirirem a estatura adulta e definitiva - para os rapazes em média 2 anos mais tarde do que as moças. Uma alimentação e forma de vida inadequadas contribuem para o excessivo aumento de peso que nesta fase é notado em parceria com o crescimento físico. *“O ideal é que se alimente de maneira equilibrada, não deixando que nada falte ao seu corpo para que ele se desenvolva com harmonia”* (Duarte, 1996, p. 22).

Na adolescência é observado movimentos desajeitados nos jovens por apresentarem uma desconformidade no tamanho das partes do corpo – crescem desproporcionalmente - membros superiores (braços), inferiores (pernas) e cabeça ao resto do corpo (tronco). *“Calma. Antes de arrancar os cabelos, lembre-se de que o corpo leva de um a dois anos até conseguir se equilibrar na sua nova forma. Claro que existe uma coisa que é a hereditariedade. Isto é, aqueles traços físicos que fazem parte de uma família.”* (Duarte, 1996, p. 23). As mudanças corporais são diferentes e individuais no crescimento e no desenvolvimento sexual, apresentando uma seqüência temporal no processo de amadurecimento sexual. Para as moças, no entanto, esse processo tem início em média dois anos mais cedo do que os rapazes.

Desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários feminino:

Entre os 10 e os 12 anos início da formação dos quadris com a acumulação de gordura e a cintura se acentua suavemente; encompridam – considerar os genes que herdou dos pais; o apetite muda; surge penugem em volta dos grandes lábios vaginais e nas axilas, o cheiro do corpo fica diferente e a transpiração mais intensa; crescimento dos seios e dos mamilos. Dos 12 aos 14 anos a voz torna-se mais grave, rápido crescimento dos ovários, da vagina, do útero e dos lábios vaginais; os pêlos pubianos tornam-se mais crespos; os seios começam a tomar forma (primária); primeira menstruação – menarca. Dos 14 aos 16 anos crescimento dos pelos axilares e os seios adquirem forma adulta (secundária).

“As mudanças que acontecem neste período são tão rápidas que a menina pode se perguntar, desolada, quem é a estranha que a olha do outro lado do espelho.” (Duarte, 1996, 23).

Desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários masculino:

Entre os 12 e 13 anos tem o início do crescimento dos testículos, do escroto e do pênis; surgem pêlos pubianos (lisos); mudanças temporárias no peito. Dos 13 aos 16 anos os pêlos pubianos tornam-se crespos; início da mudança de voz, crescimento acelerado do pênis, dos testículos, do escroto, da próstata e da vesícula seminal; primeira ejaculação. Dos 16 aos 18 anos apresenta crescimento de pêlos axilares, da barba e marcante mudança de voz. *“Todas estas mudanças vão dando uma representação mental! E isso também traz mudanças internas que a gente não vê.”* (Duarte, 1996, p. 38).

O significado dessas mudanças para os adolescentes: Estas mudanças se dão vinculadas à classe social dos adolescentes e das possíveis vivências ocorridas nos seus meios – *“as indagações “quem sou eu?” e “o que está acontecendo comigo?” são comuns a homens e mulheres adolescentes”* (Duarte, 1996, p. 15). Tendo respostas diferentes às moças e aos rapazes. *“O que os diferencia enquanto gênero é a universalidade da discriminação a que a mulher adolescente está submetida.”* (Duarte, 1996, p. 15). Nas famílias geralmente aos rapazes a permissão e o incentivo; às moças as proibições, culpas e cobranças. Está submetida a ouvir galanteios dos homens nas ruas e em casa é alvo de preocupação e vigilância familiar; em busca de nova identidade, a de mulher, a adolescente arruma-se durante horas frente ao espelho em busca de um toque pessoal.

Um momento de isolamento com o sexo oposto é definido pelo rapaz, que em proteção a figura feminina da mãe, rompe com as mulheres. *“Há uma revivência do Édipo. Tem os guetos dos meninos”* (Duarte, 1996, p. 36). Seguido de um momento de abertura e de transformações, e então a abertura para a heterossexualidade e as relações afetivas.

Mudanças hormonais: Dois hormônios exercem responsabilidade imprescindível no equilíbrio do metabolismo e no crescimento corporal do ser humano: *a somatotrofina*, hormônio de crescimento do corpo - produzido pela glândula hipófise - que ativada pelo hipotálamo elimina novos hormônios que agem sobre os órgãos sexuais: desencadeando a produção de hormônios masculino (espermatozóides), a

testosterona e do hormônio feminino (que regula o ciclo menstrual e a gravidez), a progesterona e o estrogênio, e a *tiroxina*, - regula o crescimento do cérebro, dos dentes e dos ossos, que é o hormônio produzido pela glândula da tireóide.

CAPÍTULO II – SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA:

A partir da interação de vários fatores o desenvolvimento sexual se faz presente na vida do adolescente. Sendo um processo de características peculiares aos grupos sociais nos quais está inserido, ao desenvolvimento físico e emocional, à exposição aos incentivos e experiências sexuais de cada elemento, a sexualidade é um fator que se inicia desde a infância culminando na adolescência. “*A sexualidade é, sobretudo, um elemento estruturador da identidade do adolescente. E essa função estruturante é, em grande parte, realizada através da representação mental que o adolescente tem em seu corpo, ou seja, através de sua imagem corporal.*” (Osório, 1989, p. 16), pois com o seu desenvolvimento corporal o jovem vai atingindo a forma adulta constituindo a imagem corporal definitiva do seu sexo, a partir de um protótipo (valores estéticos culturalmente transmitidos), contemplando atributos físicos a fim de atrair o sexo oposto, conforme Abramovay:

“A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.” (Abramovay, 2004, p. 29)

Estudos realizados em países do continente americano, incluindo o Brasil, a respeito de sexualidade juvenil apontam para dados inesperados, pressupondo-se que os tabus sexuais sejam assunto do passado: pois jovens na contemporaneidade ainda recebem esclarecimentos de maneira precária e independente do nível sócio-econômico, aos rapazes as informações são para alertar sobre perigos das Doenças Sexualmente Transmissíveis e às moças aos cuidados higiênicos dos períodos menstruais, segundo Osório:

“A anticoncepção, por exemplo, continua sendo tema tabu entre pais e filhos, ou professores e alunos, o que denota que os preconceitos não foram banidos, apenas mudaram de alvo, é evidente que estamos aqui falando em termos genéricos, não ignorando que existem bolsões culturais onde a temática sexual é tratada com a serenidade e objetividade desejadas.” (Osório, 1989, p. 41)

Para Duarte, os tempos mudaram e a sexualidade aflora cada vez mais cedo, é importante a orientação às respostas sociais para o adolescente homem e para a adolescente mulher. No entanto os adolescentes estão sendo carregados de informações desencontradas e fragmentadas sobre sexo. Resultando em jovens cada vez mais confusos, por consequência da grande quantidade de informações fazendo com que eles as apreendam de maneira conturbada. Assuntos como: masturbação, preservativos, homossexualismos, primeira relação sexual ou uso da pílula e gravidez:

“Para especialistas, a saída é abordar o tema com a linguagem mais próxima do cotidiano dos adolescentes, uma vez que eles costumam demonstrar interesse por questões práticas: como beijar, conquistar uma pessoa ou saber se está grávida. O correto é, na medida do possível, passar informações completas, mas sem a preocupação de falar tudo ao mesmo tempo.” (Duarte, 1996, p. 59)

Contudo para que possam assimilar, já que existe a sobrecarga de informações más e boas sobre o assunto e a preocupação na distinção do que é bom e ruim, certo e errado dentre essa massificação, principalmente as canalizadas pelos meios de comunicação, lançar um olhar crítico junto aos jovens para um minucioso esclarecimento sobre a sexualidade, diz Duarte:

“Que estimulam condutas e comportamentos que privilegiam o erotismo, o culto ao corpo, a busca ao prazer físico, o sexo como mercadoria de consumo, e ao mesmo tempo na sociedade, em seu conjunto, ainda existe muito pouco a ser oferecido em termos de garantias físicas, psicológicas e sociais para que os adolescentes, homens e mulheres, possam, com tranquilidade, usufruir de sua sexualidade.” (Duarte, 1996, p. 11)

A prova dessa situação está em um levantamento feito pelo serviço Disque Adolescente, do Grupo de Atenção à Saúde do Adolescente, órgão da Secretaria Estadual de Saúde de São Paulo: “Em um ano, foram atendidos 850 jovens entre 14 e 18 anos, sendo 7% meninas e 15 % meninos, com dúvidas do tipo “*como saber se estou apaixonado*”, até temas mais sérios, como *aborto, masturbação e gravidez.*” (Duarte, 1996, p. 60).

Dúvidas recorrentes da adolescência:

Moças:

- Tomando pílula posso parar de menstruar?
- Existe probabilidade de engravidar tomando pílula?
- Posso usar a pílula que minha amiga toma?
- Podemos engravidar e menstruar ao mesmo tempo?
- Qual o melhor momento para a primeira relação?

Rapazes:

- Será que o meu corpo é normal?
- O que devo fazer para conquistar uma menina?
- Usar camisinha atrapalha?
- Onde posso conseguir camisinhas de graça?
- Como abordar uma menina?
- Qual o risco de engravidar uma menina mesmo se eu usar camisinha?

Proporcionando Duarte a citação a seguir sobre a imprevisão da primeira relação sexual dos adolescentes:

“A primeira relação sexual na adolescência ocorre num momento de imaturidade, de descompensação afetiva, quando ainda não está definida sequer a identidade da adolescência, que não descobriu seu eu por inteiro, não se situou enquanto cidadã, não vivenciou uma série de situações novas, próprias dessa faixa etária, mas vai ao encontro de uma relação que pode ser extremamente determinante e trazer-lhes uma série de complexas consequências.” (Duarte, 1996, p. 70)

• EDUCAÇÃO SEXUAL

A saúde do jovem é alvo de preocupação, sobretudo com respeito à educação sexual, já que as dúvidas dos adolescentes e familiares são constantes. Aos primeiros o estereótipo e a vergonha em abordar este assunto com os pais, que também se sentem pouco a vontade para discuti-lo. Aos poucos este tabu vem deixando de existir, no entanto as informações desencontradas e cercadas de preconceitos e a transmissão de estigmas morais ainda sucedem em nossos dias.

A escola continua sendo considerada o local ideal para tratar deste assunto, já que a disciplina das ciências e biologia detem o conteúdo sobre o “Aparelho Reprodutor masculino e feminino” e “Doenças Sexualmente Transmissíveis – DSTs” , culminando com a Feira de Ciências apresentada a comunidade escolar. No entanto esta forte tendência dos professores serem os agentes transmissores do tema relacionado à sexualidade, não os deixam respaldados de um planejamento pedagógico explícito e continuado, os quais se resumem a intenção de palestras e referências ao plano de posturas preconceituosas. Conforme Abramovay:

“Essa é uma realidade comum à maioria das escolas públicas. Alguns diretores relataram que não existe um trabalho nas escolas pra tratar sobre sexualidade. Considera-se que deveria haver para o corpo docente um trabalho de esclarecimento, de orientação sistemática , ou seja, com a colaboração de especialistas, para terem condições para informar, lidar com as questões apresentadas pelos alunos e segurança ao tratarem do tema. A conversa informal é uma das medidas adotadas por algumas escolas, em outras, sexualidade é tema principalmente tratado nas aulas de ciências, associando-se essa pulsão à constituição do corpo humano.” (Abramovay, 2004, p. 104)

Dados do Jornal O Dia de 05/10/2008 apontam que Políticas Públicas vem implementando ações e programas voltados para acompanhar e orientar adolescentes sobre gravidez na adolescência – que é a principal causa de internação das jovens e DSTs e orientações de saúde, através das Secretarias de Educação e de Saúde. No Estado do Rio de Janeiro em 2008 foram fomentadas ações educativas de prevenção de agravos e de promoção de saúde através da formação de professores e alunos multiplicadores. Filmes, sites na Internet, programas de Tv e livros debatem a

sexualidade na adolescência e juventude, métodos contraceptivos e outros temas ligados ao dia a dia de meninos e meninas são fontes de consulta para alunos e professores, reflexão e debate sobre mudanças de comportamento que interferem nas relações humanas:

- Filmes: “*Juno*” – a história de uma adolescente que engravida do colega de escola e gira em torno da escolha de ter o bebê e dá-lo ou não pra a adoção; “*Meninas*” – mostra que a maternidade nas favelas pode ser status social e três jovens engravidam apesar de saber como evitar e “*Cidade dos Homens*” – discute a paternidade na adolescência em comunidades pobres;
- Livros: “*Adolescência*” de Guila Azevedo; “*Adolescente – Um bate-papo sobre o sexo*” de Marcos Ribeiro²;
- Televisão: “*Programa Lavanderia*”, da MTV, apresentado pela VJ Penélope Nova; “*Programa Pé na Rua*”, da TV Cultura;
- SITES: “www.gineco.com.br/anticon.htm” e “www.saudevida-online.com.br”;
- A Área de Prevenção e Promoção da Saúde da Secretaria do RJ com o apoio do UNICEF distribuirão nas escolas da rede 5.650 kits, contendo questionários, onde o aluno vai perceber “se está ou não vulnerável às doenças sexualmente transmissíveis e a engravidar” explica a coordenadora Maria Cecília Fernandes de Souza;
- O Instituto Promundo³ ajuda na prevenção, levando às escolas públicas programas de radionovela em 15 capítulos, que vão da primeira relação sexual até a divisão de tarefas após a chegada do filho “*a idéia de que os jovens resolvam seus conflitos com o dialogo e respeito mútuo*” diz Vanessa Fonseca;
- No Hospital Pedro II, em Santa Cruz - RJ, a Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil mantém centro para mães adolescentes, onde o consultório dá lugar a sala de aula com lições práticas de como cuidar do bebê, “*a evasão escolar é grande entre as adolescentes, principalmente na segunda gestação, quando elas abandonam de vez os estudos*”, conta Sônia Capellão, gerente de Saúde da Criança e Adolescente. Onde funciona o Centro Especializado em Atendimento à Mulher (Ceama), com o apoio de médicas, assistentes sociais, nutricionistas, enfermeiras e psicólogas.

² Sexólogo e consultor do Ministério da Saúde e da Unesco.

³ O Instituto Promundo produz vídeos e material educativo para escolas que tenham interesse em desenvolver programas sobre sexualidade e saúde.

• A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A gravidez é um dos temas mais recorrentes quando se menciona a juventude e a sexualidade nessa fase. A gravidez na adolescência é, segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS, aquela que envolve a população até 19 anos.

“O Brasil figura no Relatório Mundial sobre População da Organização das Nações Unidas - ONU como um dos países que apresentam taxas acima da média mundial de gravidez na adolescência, que é de 50 nascimentos por mil mulheres. A taxa brasileira é maior do que a de alguns países pobres, como o Sudão, Iraque e Índia.” (Abramovay, 2004, p. 133).

Abramovay considera que para a maioria dos jovens esta é uma fase de transição e não um momento de abranger situações socialmente definidas, é difícil. No entanto o ter filhos pode significar para muitos: assumir ter virilidade, ter poder, ter a compensação por outras faltas e exclusões. Este lema perpassa também por discriminações e preconceitos sofridos por jovens grávidas nas classes sociais e mães solteiras no ambiente escolar:

“Por uma perversa ironia destes tempos, tanto um tema ligado à interrupção da vida, como a Aids, quanto o relacionado à reprodução da vida, gravidez, ilustram os debates sobre sexualidade e juventudes. Tais discurso têm em comum a preocupação com interditos para o que é considerado um curso natural ou esperado do ser jovem, ou seja, um tipo ideal de juventude: um ciclo de vida orientado para a diversão, para as relações sem compromisso de ordem econômico-familiar, para o estudar e para o se preparar para os papéis de adulto.” (Abramovay, 2004, p. 130)

Conforme Camarano, a gravidez entre jovens toma proporções diferenciadas levando-se em considerações as questões sócio-econômica-cultural em que estão inseridas:

“No Brasil, em 1996, a proporção de mulheres de 15 anos que já tinham começado sua vida reprodutiva chegava a 55 % entre as que não tinham nenhuma escolaridade; 19 % entre as que tinham de 5 a 8 anos de estudos e menos de 10 % entre as que tinham de 9 a 11 anos de estudos (BEMFAM⁴, 1996).”... “As jovens mais pobres se

⁴ BEMFAM – Bem-Estar Familiar no Brasil - Organização não governamental, brasileira, que há 44 anos realiza ações voltadas para o desenvolvimento social local.

destacam por suas taxas de fecundidade mais elevadas. Entre mulheres de 15 a 19 anos que estavam inseridas em grupo familiar com até um salário mínimo, em 1991, a taxa de fecundidade foi calculada em 128 %; já as que estavam em grupo familiar com dez salários mínimos ou mais, em 13 %.” (Camarano, 1998, In Abramovay, 2004, p. 131).

A gravidez na adolescência desperta ainda para preocupação da saúde das jovens em concepções cada vez mais cedo e em números mais elevados, diz Abramovay:

“Uma mulher que começa a sua vida reprodutiva mais cedo, maior é sua chance de terminá-la com uma fecundidade mais elevada” (Camarano, Apud). “A mortalidade infantil, a mortalidade materna (Melo,1996 e Longo, 2002, In Abramovay, 2004,133) e problemas de saúde para a mulher, como a hipertensão, maior incidência de eclâmpsias, infecções urinárias e anemias (Camarano, Apud) também são registradas como associadas à gravidez na adolescência.” (Abramovay, 2004, p. 133).

“Não engravide sem querer, os métodos anticoncepcionais têm um ponto em comum: impedir o encontro do óvulo com o espermatozóide, evitando a fecundação e a gravidez.” Para o sexólogo Marcos Ribeiro, consultor do Ministério da Saúde e da Unesco, não basta ter informações sobre métodos contraceptivos: “só informação não muda o comportamento, pois ela fica no plano da razão. Se fosse suficiente, adolescentes com um poder aquisitivo maior não teriam filhos. A maioria sabe usar uma camisinha mas na prática não usa. Só o diálogo focado no emocional muda a atitude e conseqüentemente o pensamento mágico de que nada vai acontecer com eles.”

Métodos contraceptivos (sob orientação médica):

- ✓ Suspensão do ato sexual durante o período fértil: tabelinha, curva de temperatura, coito interrompido;
- ✓ Alteração do mecanismo de ovulação: pílulas anticoncepcionais;
- ✓ Métodos de barreira: camisinha, diafragma, dispositivo intra-uterino (DIU) e espermicida;
- ✓ Esterilização cirúrgica: laqueadura ou ligadura das trompas (mulher) e vasectomia (homem)

CAPÍTULO III – A PESQUISA:

• HISTÓRIA DA ESCOLA

COLÉGIO ESTADUAL CARMELA DUTRA

Estrutura Administrativa em 2003

I – Dados de Identificação do Colégio Estadual Carmela Dutra

- Endereço:

Av. Ministro Edgard Romero, 491 – Madureira – Rio de Janeiro – RJ

- Cursos Ministrados:

Educação Básica:

Educação Infantil – Creche, Maternal e Jardim de Infância;

Ensino Fundamental – 1ª, 2ª, 3ª e 4ª séries;

Ensino Médio (modalidade normal)

- Ato de Criação:

A Escola Normal Carmela Dutra foi criada pelo Decreto Lei No. 8546, publicado no D.O.R.J. (antigo Distrito Federal) em 22 de junho de 1946.

O Ato Autorizativo – Decreto Lei No. 12171 de 31 de julho de 1953.

- Histórico de Criação do Colégio Estadual Carmela Dutra:

Por iniciativa do Secretário Geral de Educação e Cultura Dr. Fioravanti Di Piero, foi criada a Escola Normal Carmela Dutra (ENCD), quando o Distrito Federal tinha como prefeito, o Dr. Hildebrando de Góes e como Presidente da República, General Eurico Gaspar Dutra.

A ENCD passou a funcionar experimentalmente, em 1973 com outros cursos além do Ginásio e Formação de Professores de 1º Grau, de 1ª a 4ª séries, passando a ser denominada Centro Interescolar da Educação e Comunicação Carmela Dutra (CIECCD). Como a experiência não deu resultados positivos, os cursos experimentais – Redator Auxiliar, Tradutor, Técnicas de Turismo e Desenho Publicitário – foram extintos ao final do ano letivo.

Em 1982, tomou oficialmente a denominação de Colégio Estadual Carmela Dutra (CECD) como parte do plano de homogeneização de nomenclaturas da Secretaria de

Educação para os estabelecimentos de 2º Grau da rede oficial de ensino do Estado do Rio de Janeiro.

O CECD sempre se mostrou sensível às questões sociais, principalmente as que atingem sua comunidade escolar. Mas foi a gestão do Prof. Geraldo Ribeiro, eleito pela primeira vez em 1991, que o colégio conquistou a grande distinção e o diferencial que orgulha a todos os Carmelitas.

Em 1994, em sua segunda gestão, o Prof. Geraldo verificou que vinha ocorrendo grande evasão de alunas em consequência da maternidade, a maioria precoce, pela falta de alguém que pudesse cuidar das crianças ou pelo aleitamento materno. Das jovens mães, houve uma que empreendeu em enorme esforço para conciliar a maternidade e o ideal de ser professora, tanto que sua mãe trazia o bebê que era amamentado na Biblioteca.

Certo dia angustiado com a situação dessas alunas e decidido a encontrar uma alternativa que desse a essas jovens uma chance de continuarem seus estudos, o Prof. Geraldo propôs à comunidade escolar a criação de um espaço que abrigasse as crianças durante o período de aula das mães. A resposta da comunidade foi positiva e imediata, mas seria necessário criar o espaço e gerar os recursos para a construção do prédio.

Com o espaço criado entre o terreno do CECD e a Escola Municipal Luiz Carlos da Fonseca, que foi incorporado a Carmela Dutra, faltavam recursos, mas a comunidade deu uma lição de solidariedade e gerou fundos através da promoção de diversos eventos.

Com os recursos disponibilizados pôde ser construído o prédio para a instalação da Creche, e aos 15 de agosto de 1995 foi inaugurada a Creche Fada Joanelinha, que marcaria definitivamente a história do CECD, conhecida como “Carmelinha”.

No ano seguinte, em 1996, surgiu o Maternal, porque as crianças estavam crescendo e o trabalho educativo precisava ter continuidade. A cada ano nova classe de Educação Infantil era criada para acompanhar o avanço na escolaridade.

Em 2001, as primeiras turmas de 4ª série concluíram a primeira fase do Ensino Fundamental, comemorando de modo peculiar com um projeto de alfabetização para pais e alunos do Carmelinha e do CECD (Formação de Professores).

No processo de matrícula para 2001 foram encaminhados para a Unidade Escolar diversos alunos portadores de necessidades educacionais especiais – deficiência física, visual e auditiva – sendo necessário a incorporação no quadro docente de um

professor especialista em Educação Especial as modalidades de atendimento educacionais oferecidos aos alunos, no enfoque de Educação Inclusiva, são: classe comum com apoio de profissional especializado e sala de recursos na escola.

Em 2002 não houve turmas concluintes, devido a mudança na Matriz Curricular do Curso de Formação de Professores com duração de 4 anos, implantada em 2000.

O colégio sofreu reformas, em 2002, em algumas áreas de suas instalações físicas, a fim de receber mobiliários e equipamentos das novas tecnologias, para a ampliação e modernização do Laboratório de Informática.

- **Clientela:** O CECD possui uma clientela variada em relação à procedência, idade e residência. Os alunos de modalidade normal procedem de diferentes escolas do Ensino Fundamental (públicas e particulares).

Quanto à idade, a maior parte concentra a faixa de 13 a 19 anos, apesar de haver alguns maiores de 30 anos.

A maior parte da clientela não procede do bairro de Madureira, mas dos diferentes subúrbios da Central, Leopoldina e Cidades da Baixada Fluminense.

Os alunos da Ed. Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries), são filhos de alunos da Formação para o Magistério e da Comunidade do entorno do colégio. Quanto à idade, varia de 04 a 11 anos.

- Composição do Ensino Médio (modalidade normal) - 2009:

- 1ª série – 15 turmas;
- 2ª série – 12 turmas;
- 3ª série – 9 turmas;
- 4ª série – 9 turmas.

- **II - Estrutura Pedagógica:**

- ✓ Diagnóstico Escolar:

O CECD pertence à rede pública e oferece níveis de Educação Infantil, Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) e do Ensino Médio (modalidade normal), a Unidade Escolar está subordinada a Coordenadoria Regional da Metropolitana III e lidera nos últimos anos a preferência da população na busca de vaga.

O colégio tem recebido reconhecimento público estadual, nacional e internacional, por seus projetos inovadores e pela qualidade de educação que oferece. Em 2000,

foi premiado como Colégio de Referência Estadual, recebeu o Título Nacional “Prêmio de Gestão: Escola de Referência Estadual”.

Em 2001 o pioneirismo dos Projetos: “*Sexualidade e cidadania*” e a “*Musicoterapia e as ações educativas para adolescentes*”, resultou em premiação num Congresso de Medicina e Obstetrícia realizado em Salvador.

✓ Ação Pedagógica:

A Orientação Pedagógica e a Orientação Educacional trabalham com a integração de todos os membros para atender uma comunidade escolar tão grande. São realizadas reuniões periódicas para preparar conselho de classe, reuniões com a Direção para resolver diversos assuntos, reuniões com os professores, palestras para alunos (sábado letivo), seminários, reuniões para atender solicitações da Secretaria de Educação. Coordena o Projeto Político Pedagógico, os projetos pedagógicos e as jornadas pedagógicas. Prepara todo o material utilizado para todas essas atividades e para registro dos resultados de avaliação. Participa de atividades que visem à atualização profissional, de modo a atender a necessidade de formação continuada. A Orientação Pedagógica está em integração permanente com a Orientação Educacional para atender às atividades mencionadas acima, e, para melhor conhecer o aluno.

✓ Projeto Político Pedagógico – Normalista Total

Introdução: O mundo muda aceleradamente, os avanços tecnológicos criam possibilidades imprevisíveis, a economia estabelece novas regras para as relações de produção e o conhecimento assume, dimensões elásticas. A sociedade em geral passa por profundas transformações, mas é no mundo do trabalho que o processo se torna mais visível, a medida em que o desemprego estrutural ameaça a lógica da empregabilidade.

O trabalhador se vê premido pela busca de um diferencial profissional e diante da necessidade de aprender a aprender, trazendo à tona discussões sobre a educação e o papel da escola. A educação pontuada na transmissão da informação não atende as necessidades de homem globalizado, porque a velocidade na produção da mesma requer habilidades para manejá-la.

A LDB 9394/96 e os Parâmetros Curriculares visam reduzir a defasagem entre o trabalho educativo da escola e as exigências da sociedade. Dentre as propostas inovadoras podemos destacar a integração das áreas do conhecimento e o trabalho interdisciplinar através de projetos.

O Projeto Político Pedagógico viabiliza o diagnóstico das principais necessidades e interesses da comunidade escolar, estimula a participação coletiva, exige o comprometimento dos envolvidos em todas as fases do processo de construção e aguça o interesse pelos resultados alcançados.

No ano de 2000 teve início a construção do Projeto Político Pedagógico “**Normalista Total**”, cuja filosofia básica é a formação integral do professor para a Educação Infantil e Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), enfatizando a identidade profissional, a cultura, os valores, a cidadania, a ética, o pensamento crítico, a responsabilidade, a participação e a condição de eterno aprendiz.

Esse professor, que busca formar-se deve estar comprometido com o resgate do sentido de brasilidade, com a construção de uma sociedade mais justa e consciente de si mesma.

A formação integral do professor implica na superação das deficiências na leitura, porque um professor crítico precisa ser um bom leitor de sua realidade. As ações pedagógicas transformadoras da realidade exigem que sejam desenvolvidas no professorando as capacidades de raciocínio, compreensão, interpretação e reflexão, vivenciando experiências e intervindo no mundo que o cerca de forma crítica e construtiva.

A comunidade escolar manifestou desejo de dar continuidade ao Projeto “**Normalista Total**”, em 2003 e o referido projeto abordou aspectos da Sociedade, Escola, Família e Instituições Políticas.

✓ Projeto Político Pedagógico de 2009

“Cidadania que a gente quer por aqui”

*“Escola gaiolas prendem
Escolas asas ensinam a voar”.*

(Rubem Alves)

CIDADANIA de conceituação originária da Grécia, onde as ações, atuações e decisões do cidadão só implicavam em abrangência de uma vida em sociedade, vemos que essa idéia se amplia ao longo da história, passando a englobar um conjunto de valores sociais que determinam o conjunto de deveres e direitos de um cidadão em sua nação.

Justificativa: A educação deve ser também um espaço de cidadania e de respeito aos direitos humanos, o que tem levado o currículo a discutir o tema da inclusão de

grupos minoritários. Dessa forma, um novo exercício pedagógico é um convite a reinventarmos nossas relações com os outros e com nós mesmos, nos desprendermos e liberar a vida aí onde ela está aprisionada, devir-outro, tornarmos outra coisa. A produção permanente de formas subjetivas que desconstruam as estruturas binárias e excludentes do tipo adulto-criança, homem-mulher, heterossexual-homossexual, outro-eu mesmo. Uma resistência à tentativa de capturar as diferenças como signo de uma identidade, já que a essência da alteridade é justamente em TORNAR-SE.

Cidadania palavra tão divulgada nos dias atuais. Uma concepção clássica de cidadania, atrelada principalmente à idéia de direitos, alinha-se ao modelo desenvolvimentista. No que diz respeito ao exercício da cidadania, criou-se a expectativa de que existiria um patamar a ser alcançado para se ter acesso aos direitos civis, políticos, patamar esse que se encontra demarcado por delimitações etárias. Dessa forma, infância e juventude são consideradas etapas de preparação do sujeito e, portanto, momento que circunscrevem sua participação ativa apenas em determinados âmbitos, como o espaço escolar e doméstico.

• ANÁLISE DA PESQUISA

A pesquisa tem por objetivo conhecer as perspectivas que as jovens gestantes ou mães adolescentes apresentam em relação a sua educação formal. Se houve ou não a interrupção da formação educacional e como estes fatos vem se caracterizando em virtude da necessidade de cada uma, na sociedade contemporânea, sua interrupção e a limitação das oportunidades profissionais. Reduzindo a qualidade de vida econômica e a possibilidade de um aumento no número de posteriores gestações, segundo a autora:

Na argumentação sobre a problemática da gravidez juvenil, é comum associar-se tal fato com a interrupção dos estudos e a entrada, considerada prematura, no mercado de trabalho, realçando-se implicações dessa para as vulnerabilidades sociais, em especial a reprodução da pobreza, no caso de jovens de família de menos poder aquisitivo. (Abramovay, 2004, p. 159).

A gravidez na adolescência é um dos fatores de risco das jovens mães, pois fisiologicamente ainda não tem os órgãos totalmente constituídos, incompatível com as fases do ciclo reprodutivo, tornando-se uma “gravidez de risco”. Por trata-se também de um argumento para acentuar o caráter problemático da gravidez na adolescência, desvelado pelo senso comum em que a jovem ainda não está totalmente formada “*muitas nem estão com o útero totalmente formado pra ter uma criança*” (Abramovay, 2004, p. 157).

Constata-se que a jovem ao engravidar também poderá enfrentar a dificuldade de não contar com a presença do pai da criança no seu reconhecimento e na ajuda para a sua criação. Estando estas atividades a cargo da própria jovem “mãe solteira” e da família: “*Na possibilidade das jovens mães terem de criar seus filhos sem a presença do pai, muitas vezes, os cuidados com a criança são divididos com a família de origem ou nuclear*” (Abramovay, 2004, p. 157).

Pois um dos maiores problemas constitui-se devido a mãe que precisa trabalhar para “sustentar” o filho depender da ajuda de familiares, concomitando com a falta de tempo para estudar, pois geralmente a jornada de trabalho é longa e cansativa: “*A gravidez entre jovens seria em si a causa do abandono da escola, de ter que assumir um trabalho em detrimento dos estudos e da constituição prematura de uma família.*” (Abramovay, 2004, p. 161).

Dados⁵ revelam que a grande maioria de adolescentes que deixam de estudar advém da rede pública de ensino do norte e nordeste do país, estando o sul e sudeste em menor escala percentual (Belém e Macapá, 6,9; Maceió, 5,2; Teresina, 4,0; Rio Branco, 3,9; Salvador, 3,5; Porto Alegre, 3,0; Cuiabá, 2,6; Rio de Janeiro, 2,4; Goiânia, 2,2; Curitiba, 1,4; Belo Horizonte, 1,0; São Paulo, 0,2).

As jovens grávidas em certas escolas ainda precisam vencer a barreira da discriminação entre alguns colegas, professores e pais de alunos. O que eleva preconceitos em relação a “mãe solteira” no meio do grupo, e a escola deixa de otimizar a dinâmica educacional sobre as diferenças e a pluralidade cultural, diz Abramovay:

Discriminar jovens grávidas é desconhecer a realidade de quem vem aumentando o numero de mães solteiras nas escolas além de ferir os direitos humanos das mulheres, a escola perde a oportunidade de fazer um trabalho contra preconceitos e exercer uma pedagogia pela diversidade. (Abramovay, 2004, p. 164)

Para Abramovay, perceber que muitas vezes a gravidez na adolescência acontece não por falta de informação preventiva da jovem ou descuido, mas pela condição do “querer ser mãe”, do “status social e local” ou do “segurar o parceiro”:

“Grande parte das análises que abordam esse fenômeno perde de vista a contextualização da problemática que, a nosso ver, não se reduz a ponderações maniqueístas, tal como: bom / mau; certo / errado; mas que requer uma análise que desvele seus fundamentos históricos, sociais, políticos e psicológicos. Não se trata aqui, de fazer a condenação ou o elogio da gravidez na adolescência. Trata-se, sim de trazer à cena uma realidade que, sem negligenciar os perfis epidemiológicos, nos remetem a histórias: trajetórias que contêm sonhos, esperanças, dores, desilusões e que permitem às meninas se apropriar das adversidades, para transformar – mesmo que ilusoriamente – o seu cotidiano em algo que valha a pena ser vivido. Ser mãe para estas meninas, talvez seja uma das poucas formas que

⁵ Fonte: UNESCO, Pesquisa Ensino Médio, 2002.

lhes restam, no sentido de se colocarem no mundo como sujeitos sociais.” (Catharino e Giffin, in Abramovay, 2004, p. 135)

Por ser o nascimento de um bebê um momento tão sublime na vida de um casal, presume-se esta uma das melhores maneiras de assegurar o relacionamento a dois, ou seja, a jovem na ilusão de manter junto de si o parceiro, opta por engravidar. Levando-se por impulsos da emoção, de estar apaixonada pelo namorado, deixa de usar os métodos contraceptivos adequados, resultando na grande maioria dos casos na gravidez. A família que é pega de surpresa preocupa-se logo em consolidar a união dos adolescentes para que seja constituída uma família nuclear, sendo esta a definida pela sociedade, aponta Duarte:

“A família decide festejar a união com uma festa inigualável para esconder a frustração; a filha adolescente não é mais virgem e está grávida. Tudo é articulado para que a adolescente volte a sonhar com a “primeira noite”, como se nada houvesse acontecido antes, e se prepare para realizar seu sonho encantado. Esse casamento, realizado às pressas, num clima artificial, sorrisos forçados, olhares de insinuação, um vestido de noiva que escondesse a barriga, um segredo no ar, é mais um momento de não-responsabilidade perante a gestação, pois é esquecido temporariamente o principal motivo que o determinou: a gravidez. A fantasia passou, o espetáculo acabou... Começa o dia a dia não preparado para ser vivido a dois e muito menos a três.” (Duarte, 1996, p. 12)

A partir do tema “Gravidez na adolescência e os efeitos na escolarização”, pretendo realizar pesquisa de campo qualitativa, de estudo de casos, no Instituto de Educação Carmela Dutra em Madureira – RJ. Colégio da Rede Estadual de ensino com alunas de ensino médio na Formação de Professores, com a possibilidade de elaboração de um questionário nos quais investigar: a situação sócio-econômica; o grau de escolaridade; o nível de conhecimento a cerca de métodos contraceptivos; o motivo pelo qual se deu a gravidez; as circunstâncias em que está ocorrendo a gestação; qual o ponto de vista da família; qual foi a reação após a confirmação da gravidez; se a gestante pensa em abrir mão da formação em função de seu filho; as possibilidades de ajuda para que os

retornos aos estudos se concretizem; a necessidade da inserção no mercado de trabalho; há o apoio por parte do pai da criança e de sua família; a escola oferece a possibilidade de flexibilizar horários.

A partir de entrevista sob o encaminhamento da Orientadora Educacional, a conversa com 06 (seis) alunas convidadas, do Ensino Médio (3º e 4º anos) do Curso Normal, tendo a média de idade em torno dos 17 anos, deixam claro o desejo de concluírem o curso normal do ensino médio após a licença maternidade e o prosseguimento até a graduação e a atuação profissional no campo educacional. Ainda nesta entrevista alguns fatores que se tornaram pertinentes ao tema da pesquisa foram abordados: o tempo de gravidez; se é o primeiro filho; se a gravidez foi planejada; se moram com o parceiro (pai do bebê); se conhecem métodos contraceptivos; se a escola participa pedagogicamente acerca desta questão.

Dados referenciados:

- **Tempo médio de gravidez** – 4 meses;
- **Primeira gravidez** – 100% sim;
- **Planejou a gravidez** – 83% não e 17% sim;
- **Estado civil** – Solteira 100%;
- **Mora com o parceiro** – 83% sim e 17% não;
- **Conhecem métodos contraceptivos** – 100% sim;
- **Escolarização dos pais** – 33,3% Ensino Médio e 66,7 % Ensino Fundamental;
- **Escolarização das mães** – 50% Ensino Médio e 50% Ensino Fundamental;
- **Está inserida no mercado de trabalho** – 100% não;
- **Renda familiar** – 50% 2 salários mínimos; 16,67% 5 salários; 16,67% 1 salário e 16,67% não declarou.

• **Reação da família em relação à gravidez e também do pai do bebê:**

- Aluna A (20 anos) – “Foi um momento de surpresa, porém com muita alegria. A minha família está muito feliz, pois será o primeiro netinho(a) e sobrinho(a) da casa. No meu ponto de vista foi bem assustador por não estar esperando que ocorresse, mas depois fiquei tranqüila. O pai ficou muito feliz, pois era o que ele mais queria. ”
- Aluna B (16 anos) – “No início minha família foi contra, só que com o passar do tempo aceitaram minha gravidez. Já me adaptei em ser mãe. O pai ficou super feliz, pois ele queria muito um filho. Minha nova família, receberam e aceitaram bem a gravidez.”
- Aluna C (17 anos) – “A minha família, no começo houve uma divergência, não aceitava, mas hoje aceita “numa boa”. Pra mim está sendo muito bom!!! Meu marido adorou, ficou feliz. Apesar de ter sido uma surpresa. Ele não vê a hora de nascer, minha família também.”
- Aluna D (17 anos) – “Meus pais no primeiro momento ficaram bem assustados e desapontados comigo, porque ninguém deseja que sua filha adolescente com muito pra viver fique grávida. Mas agora me apóiam e me ajudam. O pai do bebê ficou muito feliz e me apoiou muito.”
- Aluna E (15 anos) – “A minha família, bom, no começo ficou complicado pra todos aceitarem, mas passaram alguns dias e todos aceitaram tranqüilamente e hoje estão muito felizes com a chegada do bebê. Quanto ao pai do bebê, acho que nunca vi o meu “esposo” tão feliz, a família dele apoiou tudo.”
- Aluna F (17 anos) – “No começo eu fui rejeitada pela minha família, mas também tive apoio do pai e da minha madrinha. O pai ficou muito feliz.”

- As entrevistadas priorizam o retorno aos estudos e sua formação superior e almejam uma carreira profissional bem sucedida e promissora a fim de criarem seus filhos de forma digna conciliando o trabalho e a maternidade:
 - Aluna A – “As minhas perspectivas são continuar estudando para me realizar profissionalmente e fazer de tudo para conciliar o profissional com o dever de mãe.”
 - Aluna B – “Pretendo terminar o curso normal, depois cursar faculdade de Pedagogia e trabalhar nesta área.”
 - Aluna C – Espero terminar meus estudos e seguir minha carreira como profissional na área da educação.”
 - Aluna D – “Estou no 3º ano do Ensino Médio, minha perspectiva é ano que vem terminar, começar a trabalhar, começar uma faculdade e trabalhar muito pra dar um futuro muito bom para o meu bebê. Não quero parar de estudar. Hoje com estudo ta difícil imagina sem ele? Minha mãe ficará com o bebê para eu estudar.”
 - Aluna E – “Bom, eu acho que tudo no meu futuro dará certo. Minha formação será de acordo com os meus planos e sonhos. Terminarei os estudos, farei faculdade e cuidarei da minha casa, marido e filho. Não deixarei nada me atrapalhar.”
 - Aluna F – “Meu objetivo é poder ter o meu neném e com a ajuda da licença maternidade aproveitar o tempo que puder com ele e voltar para a escola assim que acabar a licença, contando com a ajuda da minha mãe para ficar com ele no horário escolar. Concluir a formação normal e poder usar dela na educação do meu bebê.”
- O colégio flexibiliza os horários de aula e proporciona as atividades extra classe durante o período de gravidez das alunas “que terá direito de receber o conteúdo das

matérias escolares em sua residência a partir do 8º mês de gestação e durante os 3 meses após o parto, ficando a mesma assistida pelo regime de exercícios domiciliares” de acordo com o art. 1º da Lei nº 6.202 de 17 de abril de 1979;

- A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 faz cumprir:
 - ✓ Capítulo II – Dos Direitos Sociais – “Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição; “Art. 7º São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: XXV – assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até 5 (cinco) anos de idade em creches e pré escola.”
- A Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:
 - ✓ Título II, Art 2º “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”; Art 3º “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.”;

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Em março de 2009 iniciei a visitação ao Colégio Estadual Carmela Dutra a fim de realizar a pesquisa com o tema abordado. Tendo sido recebida com muita atenção e presteza pelas Orientadoras Pedagógica e Orientadoras Educacional.

Quanto o diretor do colégio não tive a oportunidade de conhecer. Nem tão pouco as diretoras adjuntas.

Tive a satisfação de fazer a visitação ao espaço físico e fiquei muito impressionada com a sua dimensão. Conheci também as turmas de Séries Iniciais da Educação Básica, momento que foi bastante agradável.

O tocante em relação à pesquisa é que a creche tenha sido desativada há alguns anos e a série da educação infantil, este ano de 2009, foi excluída. Já que estas sejam ações praticadas pela Secretaria Municipal de Educação e não pela Secretaria Estadual de Educação que mantêm o colégio. Realmente uma lástima, já que as mesmas abrigariam um quantitativo bastante expressivo de filhos e filhas de funcionários e docentes do Colégio. Podendo ainda vir a ocorrer da mesma forma a extinção das séries iniciais do ensino fundamental em curto espaço de tempo.

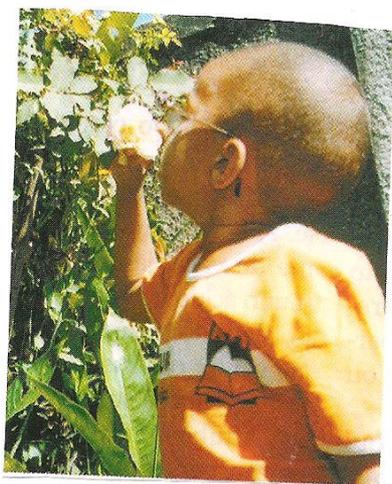
Portanto com base nos dados supracitados e na pesquisa realizada, concluir que apesar do alto índice de gravidez em jovens com idades cada vez baixas, a necessidade de uma maior escolarização das mesmas para a inserção no mercado de trabalho e com a demanda de constante especialização profissional, todas as alunas que foram entrevistadas esboçaram incondicional desejo de concluírem o Ensino Médio, almejando a graduação e conseqüentemente a inclusão na carreira educacional.

Como futura pedagoga me expresso com uma perspectiva bastante positiva frente a esta conclusão, visto ser esta a maior inquietação quando as notícias de ordem sócio-econômica-cultural ocorridos em nosso país, venham a ser de ordem educacional e profissional.

ANEXO I – Representação da Aluna A

UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.

Deus deu o presente mais belo e divino
a mulher a magia de gerar uma
nova vida.

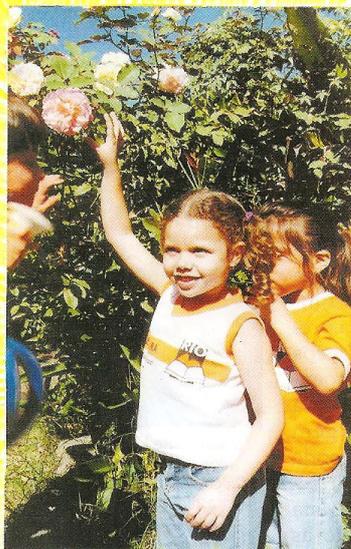


É o maior agradecimento que ela pode
lhe oferecer e amar com toda dedicação
esse novo ser!!!

UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.

UMA EXPERIÊNCIA ÚNICA.

O parto pode ser vivenciado com autonomia, de forma saudável e segura. A atitude acolhedora da equipe de saúde e o estímulo à participação do acompanhante durante o trabalho de parto fazem com que a experiência seja mais prazerosa. E existem técnicas que ajudam a ter um parto normal mais confortável e tranquilo. É ainda melhor quando a mulher é encorajada a ter uma postura ativa, movimentando-se e adotando posições nas quais se sinta mais confortável. Com estas atitudes, o parto pode configurar-se como uma experiência enriquecedora e ainda mais marcante para a mulher e para sua família.



Momento único na vida de
uma mulher, dar à luz a
uma criança e ver com
o passar do tempo ela
crescendo, se desenvolvendo,
criando suas próprias opiniões,
búlicas.

Ser mãe é simplesmente um
momento único e maravilhoso!



ANEXO III – Representação da Aluna C

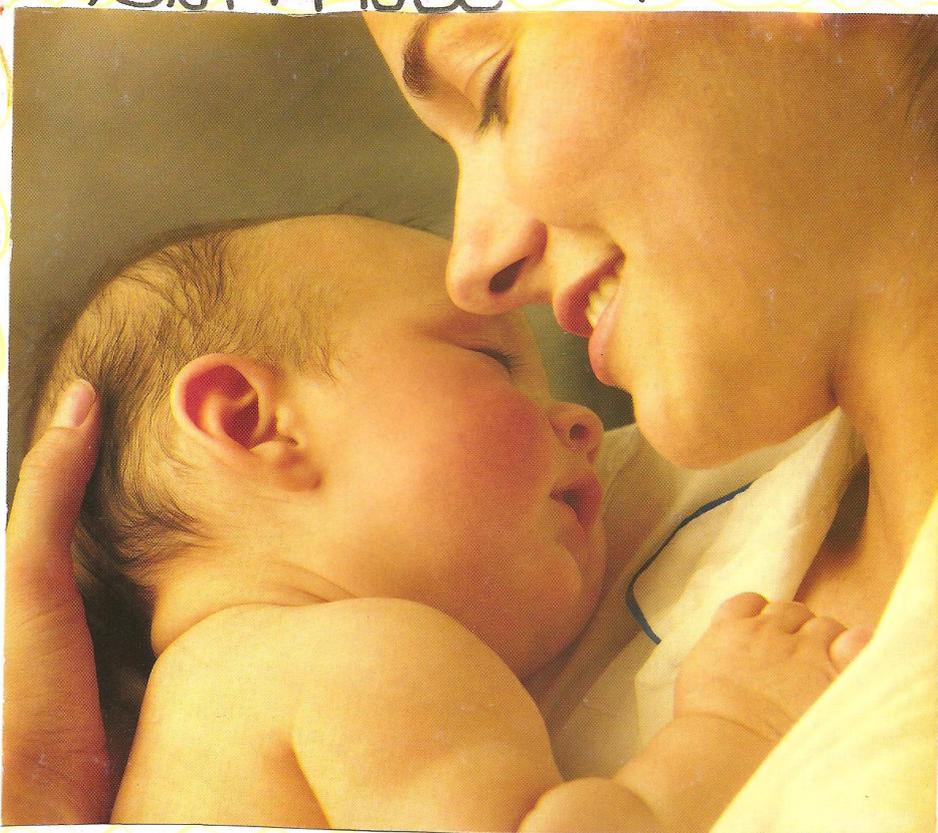
UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.

Fora brincando, estudando
brincando, estudando...
é o que eu mais espero
desejo bebê.
Que ele seja muito feliz.
Ao nascer irá me trazer
muita felicidade.
... se ele quisesse o quanto
é gostoso e prazeroso tê-lo
dentro de mim...

Mamãe te ama !!!
você foi um presente de Deus,
um PRESENTÃO !!

UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.

ser mãe...



O fato de ser mãe não quer dizer que você
deixa de estudar. É mais um incentivo pra
você crescer profissionalmente, para dar um
bom futuro para seu filho

é estudar!

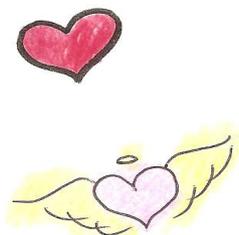


UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.

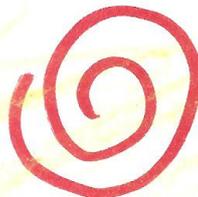
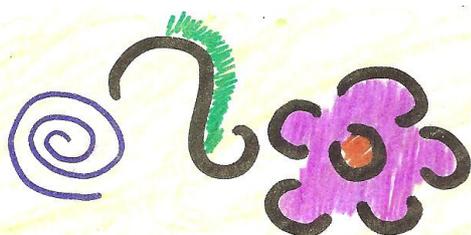
ser mãe...

*É natural que você se sinta insegura.
É natural que você fique ansiosa.
É natural que você esquecer de tudo isso
na hora que seu bebê nascer.*

*Sii que agora não me preocuparei iso
comigo mesma. Terei um filho e ele fará da
minha vida, uma reviravolta. Amo meu
filho.*



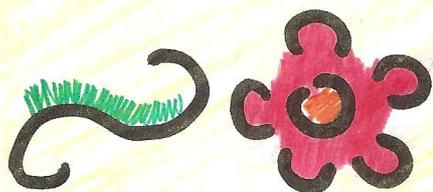
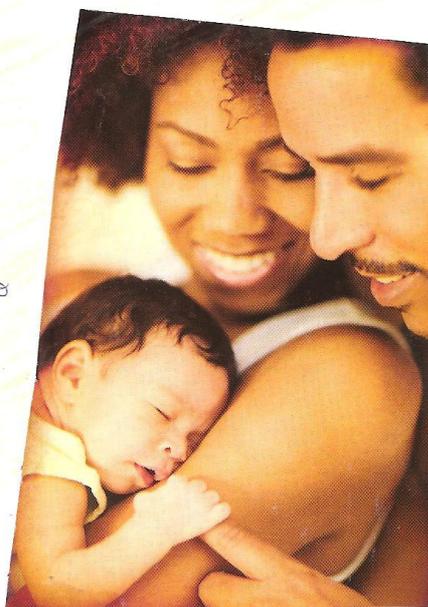
UTILIZE ESTE ESPAÇO PARA REPRESENTAR SOBRE A PESQUISA:
A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E OS EFEITOS NA ESCOLARIZAÇÃO.



A família vai sempre
existir, mesmo quando
nós nos sentirmos sozinhos,
ela vai estar presente dentro
dos nossos



Preservar a família é
importantíssimo para o
nosso crescer, para sempre
sermos unidos. E amar
os nossos antepassados.



BIBLIOGRAFIA:

- ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004.
- CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. In: ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004.
- CAMPAGNA, V. N. *A identidade feminina no início da adolescência*. SP: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2005.
- CATHARINO, T. R.; GIFFIN, K. Gravidez e adolescência: investigação de um problema moderno. In: ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004
- DIMENSTEIN, G. (2005). In SANTOS, A. dos; CARVALHO, C. V. Gravidez na Adolescência: Um Estudo Exploratório. *Boletim de Psicologia*, vol. LVI, n. 125:135/151, 2006.
- DUARTE, A. *Gravidez na adolescência: Ai, como sofri por te amar*. Rio de Janeiro: Artes e Contos, 1996.
- EGYPTO, A. C. *Grupo de Pesquisa e Trabalho em Orientação Sexual*. www.gtpos.org.br.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). www.ibge.gov.br
- LONGO, L. A. F. Juventude e contracepção: um estudo dos fatores que influenciam o comportamento contraceptivo das jovens brasileiras de 15 a 24 anos. In: ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004.
- LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (organizadoras). *Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MELO, A. V. Gravidez na adolescência: nova tendência na transição da fecundidade no Brasil. In: ABRAMOVAY, M. *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: Unesco Brasil, 2004.
- Ministério da Saúde. www.saude.gov.br
- MOÇO, A. Gravidez precoce questão de escolha, agora e no futuro. In *Revista Nova Escola*, Nº. 212, maio de 2008.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto Alegre, Ed. Artmed, 1989.

- REVISTA MEGAZINE – O Globo, 22/11/2009.
- STEINBERG, L. Adolescence. 3ª ed. New York: Mc Graw-Hill, 1993. In: Adolescência, Wikipédia.
- UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. www.unesco.org.br
- VIEIRA, S. L. Educação Básica: política e gestão da escola. Brasília, Líber Livro, 2009.